Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 106

Data: 05.10.74 Pg.:

Cinco continuam desaparecidos após ataque de atroaris

Manaus (Correspondente) — Um morto, dois feridos e cinco desaparecidos — eis o saldo até agora do massacre dos índios atroaris, ocorrido na manhã de quarta-feira no posto da Funai do rio Alalau, que separa o Amazonas do Território Federal de Roraima. O corpo do trabalhador Faustino da Cruz Soares, o único morto, já foi trasladado a Manaus.

No Hospital Getúlio Vargas, desta Capital, está internado desde a noite de quinta-feira Esmeraldo Miguel Neto, que chegou em estado grave, por ter levado uma flechada no peito. Na noite de ontem estava sendo aguardado o outro ferido, Adão Vasconcelos, que fora dado como morto mas apareceu no subposto do Abonari, com ferimentos no braço e no pescoço.

SUSPENSÃO

Estão ainda desaparecidos o sertanista João Dionísio do Norte e os auxiliares Paulo Ramos e Luís Braga Pereira, além de outros dois que se encontravam no posto à hora do ataque — Evaristo Batista e Odoneil Virgínio.

A Funai pediu ao Segundo Grupamento de Engenharia e Construção, no Comando Militar da Amazônia, que — até que se solucione o problema — ordene ao VI Batalhão de Engenharia e Construção a imediata suspensão dos trabalhos de desmatamento.

Aviões militares sobrevoaram a região durante todo o dia de ontem — inclusive as malocas dos índios — em busca dos desaparecidos.

DEPOIMENTO

O ferido Esmeraldo Miguel, falando com dificuldade devido à flechada que o atingiu no ombro esquerdo, contou ao JORNAL DO BRASIL que saíra às 8 horas da manhã de quarta-feira para caçar com seu companheiro Faustino e mais três índios. Com outro grupo de índios atroaris seguiu mais um grupo de trabalhadores, ficando no posto apenas Evaristo e Odoneil.

Esmeraldo não sabe direito como aconteceu o ataque e diz que foi tudo muito repentino. Ele recebeu a flechada e tratou de fugir. Caminhou uns 30 quilômetros até atingir o posto de Itaoca, onde recebeu os primeiros socorros antes de ser transferido para a Capital. Ele nada sabe sobre os companheiros. Diz ainda que, da forma como foi executado o ataque, tudo indica ter sido premeditado. "Os atroaris usaram uma estratégia perfeita" — acrescenta.

O ALALAU

Segundo a Funai, os índios atroaris e waimiris estão divididos. Uns 2 mil índios habitam a área, por onde se pretende que passe a estrada Manaus—Caracarai, que fará parte do sistema rodoviário Brasília—Caracas, em seguida à Rodovia Manaus—Porto Velho, em final de construção.

Certos de que perderão suas terras, os atroaris estão intransigentes. Eles falam a língua karibe, de difícil entendimento pelos índios aculturados que trabalham nas obras da estrada.

Uma tradição de hostilidade

Brasília (Sucursal) — A rivalidade entre os índios Waimiri-atroaris e as populações brancas começaram no século XVII, quando o bandeirante Pedro Favela organizou uma expedição para capturar índios e acabou batido nas margens do rio Camanau. Os dois últimos episódios de violência antes da última quarta-feira foram o massacre do Padre Calleri e os 12 membros de sua expedição, em 1969; e o conflito que resultou na morte de três servidores da Funai, em 1972.

Para o antropólogo Hélio Rocha, chefe da Coordenadoria de Amazônia da Funai (Coama), os waimiri-atroaris são os índios mais aguerridos do Brasil: nunca aceitaram invasão de suas terras e suportaram no passado sucessivas expedições punitivas. Em 1856, eles chegaram a sitiar a cidade de Airão durante muito tempo antes de invadi-la e saqueá-la. Airão era uma das principais cidades da *provincia do Rio Negro*.

MOVIMENTO

Depois do saque da cidade, o Governador da provincia organizou uma das maiores expedições punitivas da história contra os índios, forçando um movimento migratório dos waimiri-atroaris. Eles habitavam antes uma extensa região nas cabeceiras dos rios Negro e Camanau, mas atualmente estão fixados ao Norte do Amazonas, perto da divisa com Roraima.

A rodovia Manaus—Boa Vista, que vem sendo construída pelo 6.º Batalhão de Engenharia do Exército, corta suas terras, o que motivou a tentativa iniciada em 1968 para a sua pacificação.

MISSÃO

Com mais de 50 anos de idade, o sertanista Gilberto Pinto está empenhado nessa tarefa por ser um dos mais experientes da Funai. Caso ele solicite aponsentadoria, a Funai não dispõe de ninguém para substitui-lo nas funções, pois os índios estão acostumados com ele e seu grupo e não aceitam mais ninguém em suas terras.

Gilberto Pinto estava ainda na fase chamada de namoro dessa missão quando foi retirado em 1969 e substituído pelo Padre Calleri, da missão de Consolata, com sede em Roraima. Inexperiente, o missionário entrou nas terras dos waimiri-atroaris cometendo uma série de erros, o que resultou no massacre; apenas o mateiro Álvaro escapou para contar a história. Depois disso, Gilberto voltou à missão, mas até hoje os contatos são frágeis e sujeitos às ações imprevisíveis dos índios, motivadas também por ressentimentos históricos contra os civilizados.

RESERVA

Em dezembro de 1972, o subposto do rio Alalau foi atacado por um grupo dissidente (contrário ao convívio com civilizados) dos waimiri-atroaris, que matou três servidores da Funai. No ano passado, o clima esteve tenso porque eles temiam que a obra de uma ponte no rio Jauaperi *fosse uma represa destinada* a secar o rio. Coube a Gilberto Pinto a tarefa de acalmá-los.

Há dois meses, o sertanista advertiu de novo para a possibilidade de conflito, devido à invasão das terras dos índios por seringueiros e catadores de castanha. Os waimiri-atroaris responsabilizavam a Funai pela penetração clandestina na sua reserva, criada em maio e ampliada em agosto.